

Introdução

O Garoto

Ted Williams, a lenda do beisebol, era insuperável, considerado por muitos o rebatedor mais “talentoso” de sua geração. “Lembro-me de assistir a um de seus *home runs* das arquibancadas do Shibe Park”, escreveu John Updike na revista *The New Yorker* em 1960. “A bola passou por cima do defensor da primeira base e subiu meticulosamente em linha reta, e ainda estava subindo quando passou pelo alambrado. A trajetória dela parecia ser qualitativamente diferente da de qualquer rebatida de qualquer outro jogador.”

No imaginário popular, Williams era quase um deus entre os homens, um “super-humano” dotado de uma série de atributos físicos inatos, entre eles uma coordenação olho-mão espetacular, uma graciosidade muscular primorosa e instintos extraordinários. “Ted simplesmente tinha um dom natural”, falou o defensor da segunda base Bobby Doerr, cujo nome está no Hall da Fama do Beisebol. “Ele estava muito além de todos da sua geração.” Dizia-se que, entre outras características, Williams tinha uma visão de raio laser, o que lhe permitia detectar o giro da bola quando ela saía das mãos do arremessador e calcular com precisão por onde ela passaria sobre a base. “Nenhum homem vivo enxerga tão bem uma bola quanto Ted Williams”, comentou certa vez Ty Cobb.

Mas toda essa história de fazedor de milagres inato não passava, nas palavras do próprio Williams, de “conversa fiada”. Ele insistia que suas grandes façanhas eram apenas resultado do seu grau de dedicação ao jogo. “A única coisa capaz de fazer essa habilidade toda vir à tona é treino, treino e mais treino”, explicava ele. “Se eu enxergava as coisas tão bem assim, era por ser extremamente obstinado... era uma questão de (super) disciplina, não de supervisão.”

Mas será que isso é possível? Será que um homem totalmente comum poderia mesmo se tornar um fenômeno apenas treinando? Todos reconhecemos as virtudes da prática e do esforço, mas, cá entre nós, será que existe

dedicação capaz de transformar os movimentos desengonçados de um perna de pau na tacada majestosa de um Tiger Woods ou no salto que desafia a gravidade de um Michael Jordan? Será que um cérebro comum poderia se expandir o suficiente para trazer à tona a infinita curiosidade e a imaginação de um Einstein ou de um Matisse? Será verdade que se pode chegar à grandeza a partir de recursos diários e genes comuns?

O senso comum diz que não, que algumas pessoas simplesmente nascem com determinados dons, enquanto outras nascem sem eles; que o talento individual e a alta inteligência são joias relativamente raras, espalhadas pelo pool genético humano; que o melhor que podemos fazer é localizar e lapidar essas joias – e aceitar as limitações inerentes ao restante de nós.

Mas alguém se esqueceu de contar a Ted Williams que o talento se manifesta sozinho. Quando criança, ele não estava interessado em ficar observando passivamente suas habilidades naturais desabrocharem como uma flor à luz do sol. Tudo que queria – precisava – era ser o melhor rebatedor da história do beisebol, de modo que perseguiu esse objetivo com a ferocidade adequada. “A vida dele era rebater bolas de beisebol”, recordou um amigo de infância. “Ele estava sempre com aquele taco na mãos ... E, quando enfiava uma coisa na cabeça, tinha que fazê-la ou descobrir por que não conseguia.”

No antigo campo de North Park, em San Diego, a dois quarteirões do modesto lar de sua infância, seus amigos se lembram de Williams rebatendo bolas de beisebol a cada hora de cada dia, durante anos a fio. Eles o descrevem acertando bolas até o couro delas literalmente se desfazer, girando tacos lascados por horas e horas, com bolhas nos dedos e sangue gotejando dos punhos. Um garoto de origem humilde, sem moedas sobrando no bolso, que usava o dinheiro do próprio lanche para contratar colegas de escola para lançar bolas de beisebol, a fim de que pudesse continuar treinando. Desde os seis ou sete anos de idade, ele brandia seu taco no campo do bairro dia e noite, até a prefeitura apagar as luzes da cidade; então, voltava para casa a pé e fazia o mesmo em frente ao espelho, com um jornal enrolado, até a hora de dormir. No dia seguinte, repetia todo o processo. Seus amigos dizem que ele ia à escola só para jogar no time de lá. Quando a temporada de beisebol terminava e os outros garotos partiam para o basquete ou para o futebol americano, Williams

se mantinha fiel ao beisebol. Enquanto outros meninos começavam a sair com garotas, Williams continuava treinando tacadas no campo de North Park. Para aperfeiçoar a visão, ele andava pela rua tapando primeiro um olho e depois o outro. Chegava inclusive a evitar ir ao cinema, pois tinha ouvido dizer que era ruim para a vista. “Eu não queria que nada me impedisse de ser o rebatedor que eu sonhava ser”, recordou Williams mais tarde. “Pensando agora... minha dedicação era praticamente obsessiva.”

Em outras palavras, ele se esforçou de forma radical e obstinada, muito além do habitual. Segundo Wos Caldwell, seu técnico dos tempos de colégio, “ele só tinha uma coisa na cabeça e sempre foi atrás dela”.

A grandeza não era *algo em si mesmo* para Ted Williams; ela era um *processo*.

Isso não mudou depois que ele entrou para o beisebol profissional. Durante a primeira temporada de Williams nos San Diego Padres, time da segunda divisão, o técnico Frank Shellenback notou que seu novo recruta era sempre o primeiro a chegar para o treino da manhã e o último a sair à noite. E havia algo ainda mais curioso: depois de cada jogo, Williams pedia as bolas usadas na partida para o técnico.

“O que você faz com todas essas bolas?”, Shellenback finalmente perguntou a Williams um dia. “Vende para os meninos do bairro?”

“Não, senhor”, respondeu Williams. “É que eu treino mais um pouco depois do jantar.”

Como conhecia a rigidez de um dia inteiro de treinamento, Shellenback achou aquela resposta difícil de engolir. Ele ficou ao mesmo tempo desconfiado e curioso, e, conforme recordaria posteriormente: “[Certa noite,] peguei meu carro depois do jantar e fui até o bairro de Williams. Tinha um parque perto da casa dele e, dito e feito, lá estava O Garoto em pessoa, mandando aquelas duas bolas de beisebol surradas para todo canto. Ted estava perto de uma pedra que servia como base [do rebatedor], enquanto um garoto lançava as bolas para ele. Outra meia dúzia de meninos jogava as bolas de volta. Eu tinha acabado de dar aquelas bolas para ele e a costura delas já estava rasgando.”

Mesmo entre os profissionais, a paixão de Williams era tão fora do comum que muitas vezes era desagradável de acompanhar de perto. “Ele de-

batia a ciência de se rebaterem bolas de beisebol *ad nauseam* com colegas de time e adversários”, escreveram os biógrafos Jim Prime e Bill Nowlin. “Ia atrás dos grandes rebatedores, como Hornsby, Cobb e outros, e torrava a paciência deles, perguntando sobre suas técnicas.”

Ted também estudava lançadores com o mesmo rigor. “[Depois de um tempo,] os lançadores costumam descobrir os pontos fracos [dos rebatedores]”, disse Cedric Durst, que jogou com Williams nos Padres. “Mas com Williams era diferente... em vez de os lançadores descobrirem os seus pontos fracos, Ted descobria os deles. Na primeira vez que Ted viu [Tony] Freitas lançar, nós estávamos sentados lado a lado na arquibancada, e ele disse: ‘Esse cara não vai lançar uma bola rápida para eu rebater. Ele vai desperdiçar a bola rápida e tentar me forçar a rebater a bola curva. Vai me deixar com uma tacada a menos e depois lançar a bola curva para mim.’ E foi exatamente isso o que aconteceu.”

Processo. Após uma década de dedicação incansável no campo do bairro e de quatro anos impressionantes na segunda divisão, Williams entrou para a liga principal, em 1939, como um rebatedor extraordinário, e simplesmente não parou de melhorar. Em 1941, durante sua terceira temporada com o Boston Red Sox, tornou-se o único jogador da liga principal da sua geração – e o último do século XX – a ter uma média de rebatidas acima de .400 no decorrer de uma temporada inteira.

No ano seguinte, 1942, Ted Williams se alistou na Marinha como aviador. Testes revelaram que sua visão era excelente, mas nada além dos padrões humanos normais de alcance.



Uma coisa louca aconteceu com os violinistas do mundo no século XX: eles ficaram melhores mais rapidamente do que seus colegas de séculos anteriores.

Nós sabemos disso porque existem marcos que sobreviveram ao tempo, como o alucinante *Concerto para violino nº1* de Paganini e o último movimento da *Partita nº2* para violino solo em ré menor de Bach – catorze minutos

de música praticamente impossíveis para o instrumento. As duas peças eram consideradas quase inexequíveis no século XVIII, mas agora são tocadas de forma rotineira e satisfatoriamente por um grande número de alunos de violino.

Como isso aconteceu? E como corredores e nadadores ficaram tão mais rápidos, e jogadores de xadrez e tênis, tão mais habilidosos? Se os humanos fossem drosófilas, com uma nova geração surgindo a cada onze dias, poderíamos atribuir isso à genética e a uma evolução acelerada. Contudo, não é assim que genes e evolução funcionam.

Existe uma explicação, e ela é simples e satisfatória; porém, suas implicações são radicais para a vida familiar e para a sociedade. É a seguinte: algumas pessoas estão treinando com mais afinco – e de forma mais inteligente – do que antes. Hoje em dia, nós somos melhores nas coisas que fazemos porque aprendemos como nos *tornarmos* melhores nelas.

O talento não é algo em si mesmo, e sim um *processo*.

Isso não se parece nem um pouco com o que costumávamos pensar sobre talento. A julgar por expressões como “ele deve ter um dom”, “boa genética”, “talento natural” e “[corredor/atirador/orador/pintor] nato”, nossa cultura vê o talento como um recurso genético raro, *algo* que você tem ou não tem. Testes de QI e de outras “competências” sistematizam essa ideia, e escolas desenvolvem seus currículos baseadas nela. Ela é constantemente corroborada por jornalistas e até mesmo por vários cientistas. Esse paradigma do dom genético se tornou parte essencial da nossa compreensão da natureza humana. Ele combina com o que aprendemos sobre DNA e evolução: *Nossos genes são o modelo de quem nós somos. Genes diferentes nos tornam indivíduos diferentes com habilidades diferentes.* Se não fosse assim, como o mundo teria indivíduos tão variados quanto Michael Jordan, Bill Clinton, Ozzy Osbourne e você?

No entanto, todo o conceito do dom genético é, na verdade, um grande equívoco – tragicamente mantido em voga por décadas a fio por uma série de mal-entendidos e metáforas enganosas. Nos últimos anos, tivemos o surgimento de uma montanha de evidências científicas que sugerem, de forma incontestável, um paradigma totalmente diferente: o que existe não é uma escassez de talento, e sim uma fartura de talento latente. De acordo com essa

concepção, o talento e a inteligência humana não se encontram em níveis constantemente baixos, como os combustíveis fósseis, mas sim em níveis potencialmente abundantes, como a energia eólica. O problema não está nos nossos recursos genéticos inadequados, mas na nossa incapacidade, até o momento, de utilizar o que já possuímos.

Isso não quer dizer que não tenhamos diferenças genéticas importantes entre nós, que geram vantagens e desvantagens. É claro que temos, e essas diferenças trazem consequências profundas. Porém, a ciência contemporânea sugere que poucas pessoas conhecem seus verdadeiros limites, e que a grande maioria delas não chega nem perto de utilizar o que os cientistas chamam de “potencial irrealizado”. Ela também apresenta uma visão profundamente otimista da raça humana: “Não temos como saber quanto potencial genético irrealizado existe”, escreve Stephen Ceci, psicólogo do desenvolvimento da Universidade Cornell. Isso faz com que seja logicamente impossível insistir (como alguns de nós fazem) na existência de uma subclasse genética. A maior parte dos que possuem um desempenho abaixo da média muito provavelmente não é prisioneira de seu próprio DNA; essas pessoas têm sido apenas incapazes de alcançar seu verdadeiro potencial.

Esse novo paradigma não se limita a proclamar uma simples mudança do “inato” (*nature*) para o “adquirido” (*nurture*). Em vez disso, ele revela como na verdade essa dicotomia está falida e exige uma reavaliação a respeito de como nos tornamos nós mesmos. Este livro começa, portanto, com uma nova e surpreendente explicação de como funcionam os genes, seguida por uma análise detalhada das recém-descobertas matérias-primas do talento e da inteligência. Quando juntamos tudo isso, o que surge é uma nova imagem de um processo de desenvolvimento fascinante, que podemos influenciar – embora nunca controlar por completo – como indivíduos, como famílias e como uma sociedade que incentiva o talento. Embora seja essencialmente auspicioso, esse novo paradigma também gera novas e inquietantes questões de ordem moral, com as quais todos nós teremos que lidar.

Seria um disparate afirmar que qualquer um pode literalmente fazer ou ser qualquer coisa, e esse tampouco é o objetivo deste livro. Porém, a ciência contemporânea nos diz que é igualmente absurdo pensar que a mediocridade

é inata à maioria das pessoas, ou que nós podemos saber quais são nossos verdadeiros limites antes de empregarmos nossa vasta gama de recursos e investirmos grande quantidade de tempo nisso. Nossas habilidades não estão gravadas de forma indelével em nossos genes. Elas são flexíveis e moldáveis, mesmo nas idades mais avançadas. Com humildade, esperança e determinação extraordinária, qualquer criança – dos oito aos oitenta anos – pode aspirar à grandeza.